MUTIRÃO +CULTURA

AS COMUNIDADES INDÍGENAS DO LITORAL DO PARANÁ

Nhande Mbya Reko — Nosso Jeito de Ser Guarani

Editora UFPR

AS COMUNIDADES INDÍGENAS DO LITORAL DO PARANÁ

Nhande Mbya Reko
Nosso Jeito de Ser Guarani

JULIANA KEREXEU MIRIM MARIANO

RODRIGO GRAÇA

Laura Perez Gil

Bruna Portela

(Orgs.)

Editora UFPR

Curitiba, 2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
Projeto Mutirão + Cultura

Reitor
Prof. Dr. Ricardo Marcelo Fonseca

Vice-Reitora
Profª. Drª. Graciela Bolzón de Muniz

Pró-Reitor de Extensão e Cultura da UFPR
Prof. Dr. Leandro Franklin Gorsdorf

Coordenadora de Extensão
Profª. Drª. Maria Virgínia Filomena Cremasco

Coordenador de Cultura
Prof. Dr. Rodrigo Arantes Reis

Diretor da Editora UFPR
Prof. Dr. Rodrigo Tadeu Gonçalves

Vice-Diretor da Editora UFPR
Prof. Dr. Hertz Wendel de Camargo

Diretora do Museu de Arqueologia e Etnologia
Drª. Bruna Marina Portela

EQUIPE
Apresentação e organização
Profª. Drª. Deise Cristina de Lima Picanço
Fernanda Cristina Lopes
Pamela Cristine de Oliveira

Editoração
MAE

Projeto Gráfico
Victor Uchoa

SUMÁRIO

Apresentação 6

A representação dos Guarani no acervo do MAE-UFPR 15

Os Guarani no litoral paranaense 18

Comunidades guarani mbya existentes atualmente no litoral do Paraná 22

Os Guarani Mbya como protagonistas no Museu de Arqueologia e Etnologia 23

A exposição no Museu de Arqueologia e Etnologia – algumas temáticas 25

Sugestões para o professor 26

- CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS 27
- História de como Nhanderu e Anhã criaram as coisas 27
- História de Mboroxa 28
- Opy 29
- Glossário de termos guarani 31
- Quer fazer uma visita? 32

Resultados esperados 36

Referências 39

Equipe realizadora da exposição 42

Apresentação

MUTIRÃO[1] NA ESCOLA: práticas e saberes para compartilhar na sala de aula

Este fascículo faz parte da coletânea paradidática **MUTIRÃO NA ESCOLA: práticas e saberes para compartilhar na sala de aula**, a qual se propõe a partilhar com os professores, pedagogos, educadores e alunos uma parte dos resultados das atividades desenvolvidas nos últimos anos pelos participantes do projeto **Mutirão +Cultura** na UFPR.

A coletânea, apresentada em cinco fascículos, tem como propósito trazer conhecimentos e perspectivas sobre as práticas e os saberes das comunidades do litoral do Paraná e sua diversidade étnica e cultural, para que possam ser trabalhados por todas as escolas do estado, já que muitas das atividades aqui propostas tiveram a participação de comunidades escolares.

A intenção deste conjunto paradidático, portanto, é fornecer ao professor algumas reflexões e sugestões de atividades para serem desenvolvidas em sala de aula, visando a construção de conhecimentos sobre a cultura e os modos de vida do litoral, como parte da problematização das várias formas de viver e pensar as práticas cotidianas de comunidades caiçaras[2] urbanas e rurais, indígenas e quilombolas – grupos sociais muitas vezes silenciados ou invisibilizados.

Para trabalhar com esses modos de vida a partir da compreensão dos sujeitos que neles constroem sua existência, partimos da ideia de Néstor Canclini[3] de que, na América Latina, tivemos uma permanente história de

1 Mutirão, prática que dá nome ao projeto, caracteriza-se por ser uma atividade coletiva em que todos participam de algum modo para a realização de alguma tarefa importante e que seria muito difícil realizar sem a colaboração de toda a comunidade, como a colheita da roça, o arrasto da rede de pesca, a preparação de alimentos, a construção de casas, entre tantas outras atividades.
Origem: do Tupi-Guarani pitibõ, popitibõ, picorõ, que significa "ajudar". Auxílio gratuito que prestam uns aos outros os membros de uma determinada comunidade, reunindo-se todos em proveito ou de um de seus membros, ou de todos, como no caso da implementação de obra(s) de infraestrutura.
(DICIONÁRIO de Palavras Brasileiras de Origem Indígena. Disponível em: https://www.dicionariotupiguarani.com. br/dicionario/mutirao/. Acesso em: 6 ago. 2019)

construção de culturas híbridas. Nesse longo processo, a modernidade passou a equivaler à noção de pluralidade, mesclando relações entre grupos hegemônicos e subalternos, tradicionais e modernos, cultos, populares e massivos.

Uma das críticas do autor aos recentes estudos sobre cultura popular refere-se ao fato de se interessarem mais pelos bens culturais (objetos, músicas, lendas) do que pelos sujeitos geradores e consumidores desses bens. Analisando as investigações sobre cultura, Canclini percebe que, nesses estudos, cultura popular pertenceria àqueles desprovidos de patrimônio ou que não conseguem o seu reconhecimento e a sua conservação como tal. Um exemplo dessa dinâmica pode ser observado nos artesãos: por não serem tratados como artistas, suas obras não participam do mercado de bens simbólicos e de seus processos de legitimação. São também populares nesses estudos os espectadores dos meios de comunicação de massa que, excluídos dos processos formativos mais institucionalizados, são considerados inaptos para consumir a alta cultura, por não dominarem a terminologia e a história dos estilos artísticos. Contrário a essa perspectiva, Canclini propõe que os estudos da cultura popular exigem que nos livremos da pretensiosa concepção de autonomia absoluta ou de uma pureza dessas práticas, assim como do desejo complacente de autossuficiência, como se fosse possível ignorar as indústrias culturais, o turismo, as relações econômicas e políticas com os mercados nacionais e transnacionais de bens simbólicos. Isso porque, para o autor, na cultura popular não há uma simples e pura repetição ordenada das tradições. Nela são confrontadas muitas práticas e muitos rituais são transgredidos por meio da incorporação de temas, costumes e tecnologias, como nos carnavais, nos bailes

de fandango e na produção, divulgação e preservação de saberes como os da pesca, do mutirão e da confecção de peças de artesanato.

Esta coletânea, portanto, busca contemplar os objetivos das ações do Eixo 1 do Projeto **Mutirão +Cultura** – que se refere à atuação junto à Educação Básica –, conforme edital do MEC/MINC. As ações do Eixo 1 trabalharam com conhecimentos e conteúdos resultantes do mapeamento cultural colaborativo e do inventário das práticas culturais do litoral do Paraná, e também do desenvolvimento e proposição de metodologias didáticas, como as Caixas Didáticas, a Contação de Histórias e as Rodas de Leitura, metodologias contextualizadas a partir da memória, de histórias, de representações e de identidades do litoral. Posteriormente ao processo de formação dos professores, educadores e agentes culturais vinculados às comunidades selecionadas, foram elaboradas propostas de atividades pedagógicas com a finalidade de servir de material de difusão da diversidade e pluralidade cultural do litoral a professores e educadores de outras regiões do Paraná e do Brasil.

Esperamos que a implementação de projetos temáticos vinculados aos conhecimentos das comunidades do litoral do Paraná nas escolas seja uma estratégia que possibilite abordar questões relacionadas aos saberes e práticas culturais, à educação ambiental, linguística e histórica e às noções de hospitalidade, de alteridade e de cidadania.

A partir dessas breves considerações, passamos a apresentar os fascículos que compõem a coletânea. Todos eles são resultado das ações previstas no Projeto **Mutirão +Cultura** e desenvolvidas nos últimos dois anos.

O primeiro fascículo trata das atividades de **Turismo na Escola: uma proposta para o Ensino Fundamental**. Tais ações referentes às práticas do turismo partem da percepção de que, além de contar com praias de fácil acesso, o litoral é um local com grande diversidade de opções de lazer, que atraem moradores de outras regiões do Paraná. Entre elas, destacam-se os banhos de mar, de rio e de cachoeira, as visitas aos monumentos e ao patrimônio histórico e cultural, os passeios de barco pelas paisagens das baías e ilhas de Antonina, Paranaguá, Guaraqueçaba e Guaratuba, a experiência de conviver com moradores das propriedades rurais de Morretes, Antonina, Guaratuba e Guaraqueçaba e as visitas aos centros e caminhos históricos e à cadeia de montanhas da Serra do Mar.

O fluxo turístico na região se intensificou a partir do século XX, com a construção, pavimentação e melhorias das estradas que ligam a capital do estado aos municípios litorâneos. As iniciativas de investimento em infraestrutura, além de possibilitarem o acesso ao porto de Paranaguá e às rotas comerciais nas proximidades de Curitiba, viabilizaram o desenvolvimento das atividades balneárias e os passeios pelas diferentes paisagens do litoral. Partimos da premissa, portanto, de que o turismo como prática pedagógica torna-se essencial para que os educandos estejam preparados para receber e acolher os visitantes, para fazer uma análise crítica sobre as práticas do turismo e compreender as diversas possibilidades de realizá-lo, trazendo benefícios para o lugar em que vivem por meio do compartilhamento de saberes e da organização social de sua comunidade. Para tanto, as propostas pedagógicas baseiam-se nos modelos de práticas aplicadas nas escolas municipais Antônio Barbosa Pinto,

em Guaraqueçaba, e Iraci Miranda Kruger, em Guaratuba, promovidas no marco do projeto **Mutirão +Cultura** entre 2015 e 2018.

O segundo fascículo trata das atividades desenvolvidas com as comunidades indígenas do litoral que resultaram na exposição **Nhande Mbya Reko: Nosso Jeito de Ser Guarani**, realizada no Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR, em Paranaguá. Essa exposição se caracteriza por ter sido o resultado de uma curadoria compartilhada. Em geral, na museologia, a curadoria se refere tanto ao conjunto de ações para a formação, conservação e documentação das coleções quanto aos procedimentos necessários para a montagem de uma exposição. Numa versão compartilhada ou colaborativa de curadoria, todas as decisões sobre a exposição são tomadas em conjunto. Nessa exposição participaram da curadoria a equipe do museu (antropólogos, museólogos, designers e um fotógrafo) e representantes das cinco comunidades indígenas guarani participantes, todas elas localizadas na região do litoral do Paraná ou em suas imediações.

É importante ressaltar que os Guarani são um povo indígena que vive em territórios da Argentina, Paraguai, Bolívia e Brasil. A população guarani é de aproximadamente 284.000 pessoas, das quais 85.255 se encontram no Brasil, em diversas terras indígenas e cidades de vários estados (RS, SC, PR, SP, RJ, ES, MS, PA). Ainda que a região do litoral do Paraná seja considerada um território tradicionalmente guarani, como demonstram dados históricos e arqueológicos, as comunidades enfrentam grandes dificuldades para usufruir dessas terras, de forma que lhes permitam desenvolver seu modo de vida.

Hoje, as terras que cada comunidade ocupa são insuficientes para desenvolver atividades de subsistência tradicionais, como o cultivo da roça e a caça. Por essa

razão, os Guarani desenvolvem há décadas o artesanato como modo alternativo de obtenção de renda, tornando-o fundamental em muitas comunidades. Entretanto, isso não quer dizer que seja um simples produto econômico. Os artesanatos guarani refletem aspectos de sua cosmologia e da sua religiosidade. Foi a partir desses aspectos e das narrativas que as propostas de atividades contidas nesse fascículo foram elaboradas.

O terceiro fascículo da coletânea, **As comunidades quilombolas do litoral do Paraná e suas histórias**, busca dar visibilidade às práticas, aos saberes e às percepções sobre o modo de vida dos moradores de Batuva, uma das comunidades quilombolas do estado do Paraná. Batuva e Rio Verde são as duas comunidades remanescentes quilombolas certificadas pela Fundação Cultural Palmares, e estão localizadas a 36 quilômetros do município de Guaraqueçaba. No estado do Paraná existem 86 comunidades quilombolas identificadas, sendo que 37 delas já são certificadas pela Fundação Cultural Palmares. Ainda assim, muitos dos municípios não sabem da existência dessas comunidades, que permanecem em lugares de difícil acesso.

As Comunidades de Remanescentes de Quilombolas (CRQs) do Paraná, assim como as de todo o território brasileiro, tiveram sua formação no período da abolição do regime escravocrata. Apesar dos conflitos com os latifundiários e madeireiros, os trabalhadores das comunidades rurais quilombolas permanecem com sua cultura e tradição como um símbolo de resistência, reivindicando os direitos quilombolas e as implementações das leis e das políticas públicas que asseguram esses direitos. O fascículo traz algumas atividades sobre a história dessa comunidade e de seu modo de vida a partir dos relatos de seus moradores.

O quarto fascículo apresenta atividades sobre o **Fandango caiçara no litoral do Paraná**. A cultura do fandango está presente em diferentes momentos da vida social das comunidades caiçaras, como nos casamentos, batizados e aniversários, ocupando papel importante no cotidiano delas. A partir do fandango, criam-se laços de solidariedade e convivência, disputas e alianças. O fandango, com algumas inovações, permanece até os dias de hoje como um elemento essencial na sociabilidade caiçara, e seus mestres, batedores e compositores são muito respeitados em suas comunidades.

Para trabalhar com o tema do fandango nas escolas, o fascículo propõe uma construção coletiva de conhecimentos sobre os instrumentos, os passos do bailado e uma pesquisa sobre o pássaro que dá nome a uma das canções de fandango mais conhecidas das comunidades caiçaras.

O último fascículo, **Blocos e escolas em Antonina: Bloco Boi Barroso e o resgate de histórias e práticas culturais**, trata das práticas e saberes que envolvem as atividades desenvolvidas com a comunidade do Boi Barroso, bloco carnavalesco (boi de mamão) do litoral do Paraná. A brincadeira do boi integra o imaginário narrativo popular e, por ser uma história difundida oralmente, está espalhada pelo Brasil em diversas versões, apresentadas no período do carnaval, nas festas juninas e julinas e em agosto, quando se comemora o dia nacional do Bumba Meu Boi. No Brasil e no estado do Paraná, há várias formas de viver o período do carnaval. Há cidades com desfiles de escolas de samba e blocos carnavalescos e outras em que os bailes acontecem em clubes ou associações. Em algumas regiões, há comunidades que não "pulam" o carnaval, e para outras esse é um momento que corresponde ao início de um período de orações.

Esse período faz parte da cultura dos brasileiros e paranaenses e inclui diversas práticas sociais que convivem na maior parte das cidades.

Para conhecer o trabalho de resgate e realização da brincadeira do boi, esse último fascículo apresenta a versão de enredo apresentada pela comunidade do Boi Barroso, seus principais personagens e a marchinha que acompanha o desfile. Como proposta para a escola, há a possibilidade de fazer uma contação de histórias do enredo ou mesmo representá-lo teatralmente, culminando numa grande brincadeira. Outras duas histórias são apresentadas para contação, baseadas na compilação de histórias das capelinhas católicas da cidade. Esse trabalho, liderado pelas irmãs Vera, Delma e Pilar, resultou na exposição Rogai por Nós, parte das atividades do Projeto **Mutirão +Cultura** na UFPR.

GUARANI
Nhande Mbya Reko – Nosso Jeito de Ser Guarani

Os Guarani são um povo indígena que habita territórios da Argentina, Paraguai, Bolívia e Brasil. "Segundo uma pesquisa publicada em 2019 (Guarani Continental, 2016), a população guarani é de 284.000 pessoas, das quais 85.255 se encontram no Brasil, em diversas terras indígenas e cidades de Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Mato Grosso do Sul e Pará. No Brasil, há a presença de três subgrupos: Mbya, Kaiowá e Ñandeva.

A representação dos Guarani no acervo do MAE-UFPR

O Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR (MAE) é um museu universitário criado em 1963 pelo professor Loureiro Fernandes, que foi também o responsável pela criação do Departamento de Antropologia Social e do Centro de Pesquisas e Estudos Arqueológicos (CEPA) na mesma universidade. O MAE, que inicialmente se chamou Museu de Arqueologia e Artes Populares (MAAP), posteriormente Museu de Arqueologia e Etnologia de Paranaguá e, finalmente, Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR, foi instalado no prédio do antigo Colégio dos Jesuítas, localizado na cidade de Paranaguá. Atualmente, o MAE possui três espaços físicos onde desenvolve suas atividades. O antigo Colégio dos Jesuítas em Paranaguá continua sendo sua principal sede expositiva e lá também realizam-se diferentes atividades acadêmicas e culturais. Já a Reserva Técnica e a Sala Didática se encontram-se em Curitiba. Na primeira, guardam-se as coleções e realizam-se diversas atividades de preservação e catalogação dos objetos, assim como o desenvolvimento

de materiais didáticos, exposições e publicações. Dado que o MAE é um museu universitário, é fundamental a presença ativa de professores e alunos de diversos cursos (Design, Ciências Sociais, História, Pedagogia, Artes, Informática, Música, etc.) para o desenvolvimento tanto das ações do Museu quanto das pesquisas sobre suas coleções e produtos. Já a Sala Didática é um pequeno espaço expositivo no coração de Curitiba onde são recebidas principalmente escolas e onde são realizadas diversas atividades didáticas.

As coleções do MAE pertencem às áreas de arqueologia, etnologia indígena e cultura popular. Foram formadas desde a década de 1950 por meio de coletas de pesquisadores ou doações por parte de pessoas particulares. O acervo de etnologia indígena é formado por aproximadamente 3.500 objetos que foram sendo incorporados desde o início de sua formação até os dias de hoje. Apesar de estarem representados em torno de 40 povos indígenas diferentes, até recentemente dois dos povos que habitam o Paraná tinham uma presença muito escassa. Trata-se dos Guarani Mbya e dos Kaingang. Em relação aos segundos, o MAE propôs uma colaboração com o pesquisador kaingang Josué Carvalho, que montou uma coleção de objetos para o museu junto com a sua comunidade da Terra Indígena Nonoai (RS) entre 2013 e 2014.

Terra indígena
Kuaray Guata Porã
(Guaraqueçaba)

No que se refere aos Guarani, dois professores do Departamento de Antropologia da UFPR fizeram uma pesquisa em 2010 junto à comunidade Pindoty, localizada na Ilha da Cotinga, no litoral do Paraná, e formaram uma coleção de objetos com recursos obtidos do Projeto Brasil Plural. Até a formação dessa coleção, o número de objetos guarani no MAE era insignificante, o que não deixa de chamar a atenção, já que todo o litoral paranaense, incluindo Paranaguá, onde está o MAE, é território tradicional guarani desde antes da chegada dos europeus. A formação da coleção visava corrigir essa carência e foi o ponto de partida para a realização da exposição "Nhande Mbya Reko".

Este texto traz diferentes informações sobre os Guarani Mbya no marco da supracitada exposição. Ao longo desta obra, assim como na exposição, usamos vários termos da língua guarani. Ao final deste material você encontrará um breve glossário com os significados deles.

Os Guarani no litoral paranaense

A presença guarani no litoral do Paraná foi registrada pelos colonizadores *jurua* desde a chegada deles. Os documentos históricos do início do século XVI descrevem a ampla presença dos Guarani, a quem deram o nome de *Carijós*, por todo o litoral sul, em um território contínuo que se estendia para o interior.

Apesar da intensa pressão colonial ao longo de cinco séculos, os Guarani permaneceram nesse território e continuaram circulando por ele tal qual antes da chegada do *jurua*. Existem muitas narrativas guarani sobre o litoral do Paraná, dando destaque para localidades como a Ilha da Cotinga. Ela é até hoje concebida como um lugar

de grande importância espiritual, onde é possível realizar o *aguyje*, o modo guarani correto de viver, em conexão com a divindade Nhanderu.

O próprio Colégio dos Jesuítas, prédio que data do século XVIII e que hoje é a sede do Museu de Arqueologia e Etnologia em Paranaguá, é um local importante desse território, pois é uma *tava*, referencial histórico, cosmológico e religioso que engloba passado, presente e futuro para os Guarani. Segundo suas narrativas, transmitidas oralmente através das gerações, as *tava* são lugares por onde os antepassados passaram deixando sua marca na forma de grandes pedras.

Apesar de a região do litoral do Paraná ser um território tradicionalmente guarani, como demonstram dados históricos e arqueológicos, as comunidades enfrentam grandes dificuldades para poder usufruir dessas terras, de modo que lhes permitam desenvolver seu modo de vida. Hoje, a terra que cada comunidade ocupa é insuficiente para desenvolver atividades de subsistência tradicionais, como o cultivo da roça e a caça. Por essa razão, os Guarani desenvolvem há décadas o artesanato como modo alternativo de obtenção de renda.

Além da constatação de que essas terras são insuficientes para desenvolver adequadamente atividades de subsistência, reconhece-se também que configuram

Apresentação dos Guarani Mbya no pátio do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR, durante a abertura da exposição. Participaram 67 Guarani Mbya de cinco comunidades: Pindoty (Terra Indígena [TI] Ilha da Cotinga, Paranaguá); Kuaray Guata Porã (TI Cerco Grande, Guaraqueçaba); Guaviraty e Karaguata Poty (TI Sambaqui, Pontal do Paraná); e Kuaray Haxa (Guaraqueçaba).

um objeto de disputa. Na década de 1980, quando sua roça de milho já crescia em áreas do atual município de Guaraqueçaba, o reconhecido *xamõi* Francisco Kirimaco Timóteo era interpelado por autoridades *jurua* de instituições ambientais e policiais:

> *— Pode tirar criança amanhã de tarde... não amanhã cedo! Pode tirar tudo daqui. Vai embora lá pro Amazonas, daqui índio não pode entrar.*

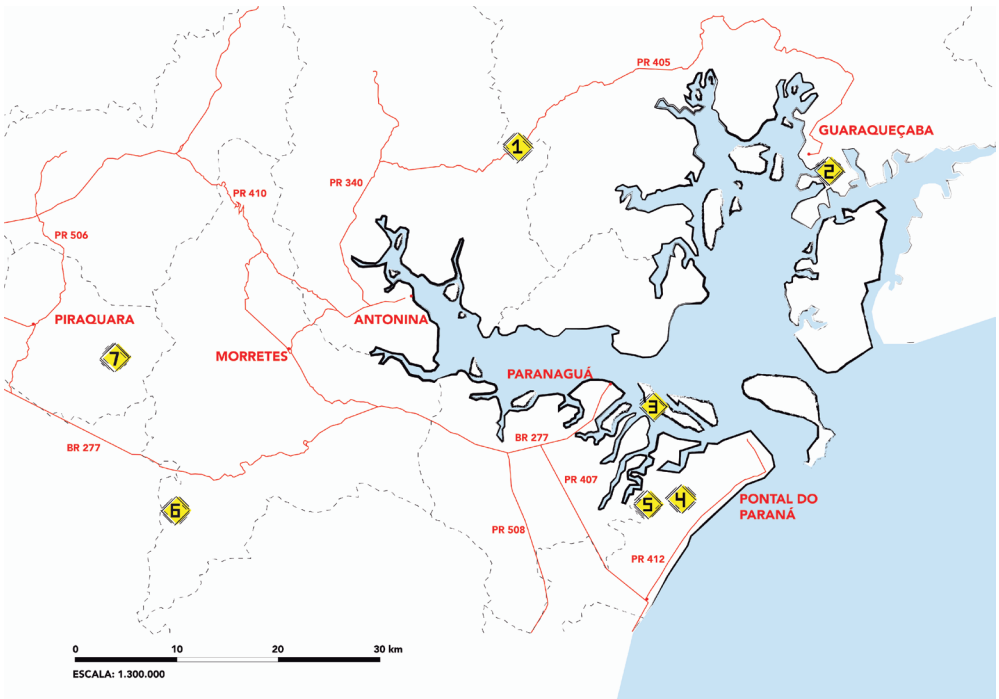
Kirimaco respondeu às autoridades:

> — *Ah, então tá bom, tá bom. Eu acho que não vou sair, porque minha roça já queimou, já plantei, o milho é meu! Já plantei tudo, eu vou ficar neste lugar mesmo, porque este Guaraqueçaba, não é tua língua, é minha língua!*

Frente às imposições desavisadas dos *jurua*, Kirimaco reivindicava pela sua língua a legitimidade da presença guarani. Efetivamente, "Guaraqueçaba" é um termo guarani que significa "lugar do guará", uma ave de cor vermelha que podemos encontrar nos manguezais da região e que em português conhecemos pelo mesmo nome.

O *ka'aguy*, ainda presente no litoral do Paraná mas reduzido pela ocupação *jurua*, é também parte fundamental da composição territorial mbya. *Ei, pindo* e outros encontrados no *ka'aguy* são muito valorizados e sua presença no território tem extrema importância. Nesse ambiente, no século XXI, os Guarani Mbya que residem no litoral do Paraná encontram-se nos entremeios de parques ambientais, portos e indústrias em expansão, para afirmar e dar continuidade ao seu espaço.

Comunidades guarani mbya existentes atualmente no litoral do Paraná



As cinco comunidades participantes da exposição no MAE são: 1 Kuaray Haxa (Morretes); 2 Kuaray Guata Porã (TI Cerco Grande, Guaraqueçaba); 3 Pindoty (TI Ilha da Cotinga, Paranaguá); 4 Karaguata Poty e 5 Guaviraty (TI Sambaqui, Pontal do Paraná). Elas estão interligadas entre si e com outros *tekoa* da região – Araxa'i (Piraquara) e Tupã Nhe'ẽ Kretã (Morretes) – por laços rituais e de parentesco.

Os Guarani Mbya como protagonistas no Museu de Arqueologia e Etnologia

Aproveitando a aprovação do projeto Mutirão +Cultura, o MAE fez a proposta de realizar uma exposição sobre a cultura guarani mbya contando com a colaboração das comunidades localizadas na região do litoral paranaense. Para dar início aos trabalhos, sob a responsabilidade da Unidade de Etnologia Indígena do Museu, o primeiro passo foi visitar cada uma das comunidades para explicar a nossa proposta, saber se essa era uma atividade do interesse delas e, caso assim fosse, fazer o convite para participarem. A equipe do MAE era formada pela chefe da unidade, por um aluno de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPR e duas alunas do Curso de Ciências Sociais que já estavam trabalhando havia alguns meses com as coleções de etnologia no MAE. Entre os meses de setembro e novembro de 2017, as seis comunidades guarani mbya localizadas no litoral paranaense e suas proximidades foram visitadas pela

equipe: Pindoty (TI Ilha da Cotinga, Paranaguá); Kuaray Guata Porã (TI Cerco Grande, Guaraqueçaba); Guaviraty e Karaguata Poty (TI Sambaqui, Pontal do Paraná); Kuaray Haxa (Morretes); e Araxa'i (TI Araçá'i, Piraquara). Durante essas visitas conversamos sobre a nossa ideia, mostramos materiais de exposições realizadas pelo museu em ocasiões anteriores e as consultamos sobre o seu interesse em que a exposição fosse efetivada e em participar dela. Todas as comunidades se mostraram favoráveis, destacando a importância de dar a conhecer e valorizar a cultura guarani na região. Sugerimos que cada uma indicasse

dois representantes, um homem e uma mulher, para participar das três reuniões previstas, sendo duas delas no MAE, em Paranaguá, e outra na Reserva Técnica, em Curitiba. Apenas a comunidade de Araxa'i não participou de todo o processo por não ter pessoas disponíveis para todas as atividades.

A exposição no Museu de Arqueologia e Etnologia – algumas temáticas

Ao longo das discussões realizadas durante as reuniões, foi tomada a decisão de que a exposição fosse sobre o artesanato guarani, mostrando a variedade dele, os processos de fabricação e as conexões com o mundo espiritual. A exposição foi a respeito das coisas que eram vendidas e das que não deviam ser vendidas.

Um mito guarani explica a origem dessa diferença. Os objetos que não são vendidos são aqueles associados ao mundo ritual e sagrado, conforme ensinado pela divindade Nhanderu.

O artesanato entre os Guarani Mbya tem um papel fundamental, já que em muitas comunidades é a principal fonte de renda. Entretanto, isso não quer dizer que seja um simples produto econômico. O artesanato dos Guarani reflete aspectos de sua cosmologia e da sua religiosidade. Por exemplo, a história de Nhanderu e Anhã explica a origem dos cestos sagrados e dos cestos para a venda; já a história de Mboroxa está associada ao joão-de-barro, uma das aves que costumam ser representadas nas pequenas figuras de madeira de caixeta e que se chamam *vicho ra'anga*. Para cada animal, existe uma história.

Sugestões para o professor

Objetivo: abordar temas vinculados à cosmovisão e ao artesanato das populações indígenas do litoral do Paraná de maneira breve, dinâmica e de fácil compreensão, usando elementos próximos aos estudantes.

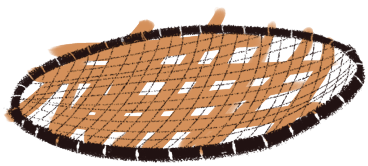
Disciplinas relacionadas: Geografia, Português, História e Artes.

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

A contação de histórias ou representação é uma maneira dinâmica e interativa de ensino, pois o uso da dramatização como ferramenta pedagógica traz ludicidade para o aprendizado. Por meio da representação, é possível estimular o desenvolvimento cognitivo, atitudinal, afetivo e psicossocial da criança. Ela propicia um espaço de reflexão, criação e interação.

História de como Nhanderu e Anhã criaram as coisas

No início dos tempos, Nhanderu, nosso pai criador, gerou os alimentos e as coisas. Os primeiros alimentos que ele criou foram as frutas do mato: *guavira, guapytã, jarakaxi'a, guêmbe* e outras. Ele também criou *ei*, que não tem ferrão e faz mel. Para que as pessoas pudessem cultivar, ele criou o *avaxi*, o *jety,* o *manduvi* e outros produtos da roça, e para que pudessem transportar esses alimentos, criou os *ajaka* de diversas formas e tamanhos, mas decorados apenas com dois tipos de desenhos bem simples. Os *ajaka* não têm tinta, eles têm apenas a cor clara da taquara e a cor escura do *guẽbe´pi*, com que se fazem os grafismos.



Anhã, também conhecido como Xariã, que é irmão de Nhanderu, já tinha um pensamento de tipo empreendedor. Ele queria ganhar em cima do que Nhanderu tinha criado para se beneficiar. Por isso, ele remodelou os objetos de Nhanderu e fez balaios com grafismos mais complexos e com muitas cores. Dessa forma, ele pensou que os *jurua* se sentiriam atraídos e os comprariam.

Por isso, hoje em dia os Guarani Mbya usam os objetos copiados por Anhã para vender e os objetos sagrados criados por Nhanderu na vida cotidiana dentro da comunidade.

História de Mboroxa

Nas histórias guarani mbya, a origem das coisas na Terra é resultado da criação de Nhanderu. Nhanderu gerou os pássaros, que foram surgindo de forma gradativa. Algumas espécies de pássaros eram pessoas que, por motivos bem específicos, foram transformadas por Nhanderu.

Um exemplo é o de Mboroxa. Ele era o carpinteiro que fazia a casa de reza de Nhanderu. Cuidava da casa fazendo os reparos necessários para que ela sempre estivesse impecável. A casa de reza de Nhanderu era resplandecente e brilhava com uma cor avermelhada quando a luz do *nhamandu* incidia sobre ela.

Um dia, Mboroxa reclamou de seu trabalho: ele ficou com preguiça!

Nesse dia, Nhanderu disse: "Meu filho, então tu vais descansar!". E com um sopro transformou o fazedor de casa em joão-de-barro (Mboroxa). E é por isso que, mesmo sendo um passarinho, até os tempos de hoje ele faz sua própria casa de reza – relembrando, assim, o seu ofício de origem.

(História escrita por Juliana Kerexu Mirim Mariano)

Opy

Opy, "casa de reza" para nós Guarani, é um lugar central da comunidade. É a base da espiritualidade, da cura não somente física, assim como da busca da sabedoria. É um lugar de busca. Antes não era permitido nem mostrar a *opy* para os *jurua*, mas com o tempo os *karai* acharam que podia ser importante mostrar para o devido reconhecimento dos Mbya. Mas não é fácil falar e escrever a respeito!

A *opy* depende muito das pessoas que estão ali para buscar e também do que a noite vai proporcionar. Dentro da *opy*, o *taquapu* e o *popygua* representam a alma e os espíritos dos que estão ali. O *popygua*, junto ao *mbaraka mirĩ*, está ligado ao masculino, aos *xondaro*;

o *taquapu*, ao feminino, às *xondaria*. A parte essencial de tudo isso, que mantém o elo, essa ligação, são o *petyngua* e o *mbaraka*. Este é o caminho de Nhanderu.

Na *opy* é feita a fogueira e toma-se o *ka'ay*. Quando estamos nos cantos e danças, o *ka'ay* ajuda o corpo a voltar aos poucos à temperatura normal. Por isso também não se pode ficar abrindo e fechando a porta da *opy* a todo momento. Existem várias regras!

Na casa de reza é feito o batismo das crianças, o *nhemongarai*, um importante momento. Só é dado o nome para a criança quando já conseguem se erguer: por isso tem os *nhemongarai*. Mas é difícil falar sobre a *opy*, mesmo algumas linguagens dos nossos *karai* poucos Mbya podem entender. Só vendo, ouvindo e sentindo!

Opy (casa de reza) de Kuaray Guata Porã (Guaraqueçaba)

Glossário de termos guarani

aguyje: buscar o caminho para seguir o rumo de Nhanderu

ajaka: cesto

akãkegua: tiara

avaxi: milho

ei: mel

eiru: abelha

guapytã: coquinho

guavira: guabiroba

guêbe´pi: casca do cipó do imbé

guêmbe: fruto do mato, aningaúba

guyrapa: arco

hu'y: flecha

jarakaxi'a: jaracatia (mamão-do-mato)

jety: batata-doce

jurua: "branco", não indígena

ka'aguy: floresta, mata

ka'ay: chimarrão

karai: líder religioso

manduvi: amendoim

mbaraka: instrumento de uso religioso, parecido com um violão

mbaraka mirĩ: instrumento masculino, de uso religioso, parecido com o chocalho

mbo'y: colar

namixãi: brinco

nhamandu: sol

nhemongarai: cerimônia de batismo

opy: casa de reza

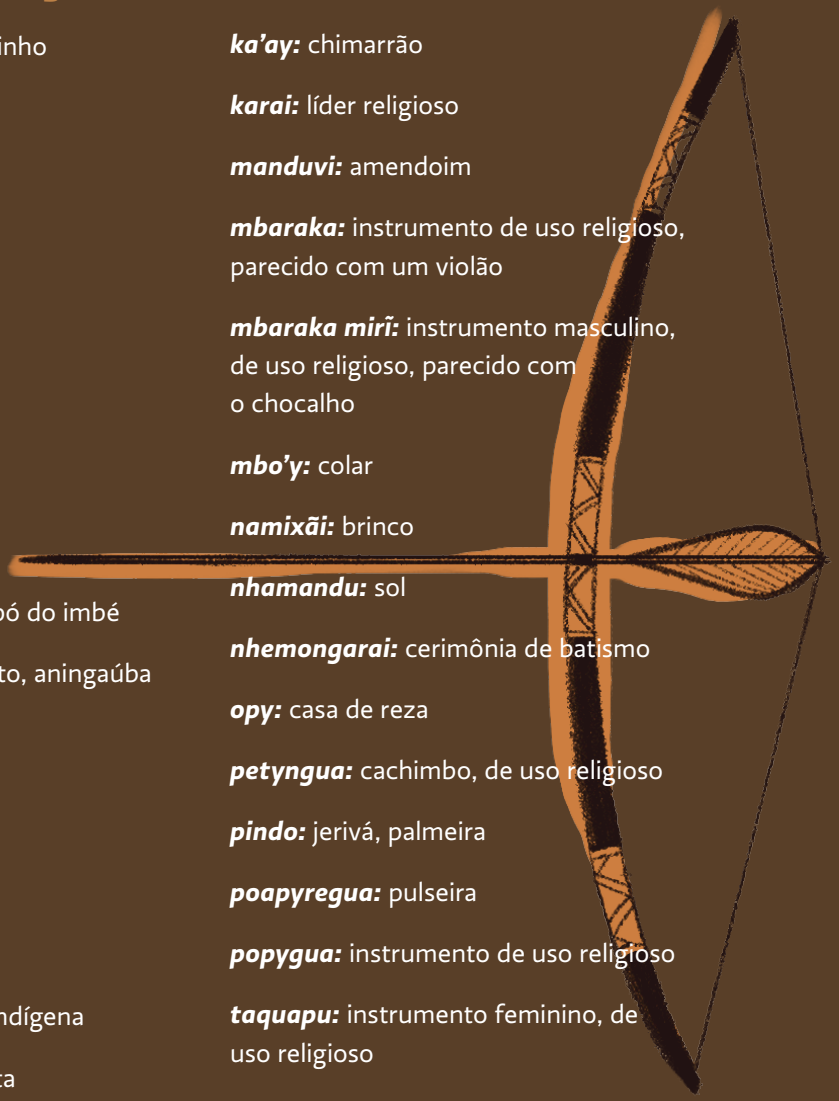
petyngua: cachimbo, de uso religioso

pindo: jerivá, palmeira

poapyregua: pulseira

popygua: instrumento de uso religioso

taquapu: instrumento feminino, de uso religioso



tava: lugar de referência para o povo guarani. Os *tava* são lugares onde passaram seus antepassados, e que se caracterizam por serem estruturas de pedras. A *tava* foi registrada como bem imaterial pelo IPHAN em 2014.

tekoa: aldeia

tetyma kuaa: adornos

vicho ra'anga: artesanato que consiste numa escultura em madei representando um animal. *Vicho* é um empréstimo da língua portuguesa, e *ra'anga* pode ser traduzido por "cópia" ou "alma".

xamõi: ancião, muitas vezes responsável religioso

xondaria: lideranças femininas

xondaro: lideranças masculinas

yrupẽ: peneira

Quer fazer uma visita?

Aqui estão as informações de cada uma das aldeias:

Tekoa Kuaray Haxa (Guaraqueçaba, PR)

Como chegar: Para chegar em Kuaray Haxa, é preciso pegar a PR 340 sentido Guaraqueçaba e seguir na estrada por aproximadamente 10 km. Na altura da placa que marca a divisa entre Antonina e Guaraqueçaba, à direita se encontra a aldeia.

Quais os artesanatos que podem ser comprados: miçanga, arco e flecha, adornos de sementes, cachimbo e filtro dos sonhos.

Contato: Se tiver interesse em conhecer a aldeia, agende uma visita. Pode falar com o cacique Rivelino Gabriel no telefone (41) 991-001-793.

Tekoa Kuaray Guata Porã (TI Cerco Grande, Guaraqueçaba, PR)

Como chegar: É possível chegar à comunidade apenas por barco. Alisson Cunha Costa [(41) 984-122-051)] faz o transporte por barco saindo de Guaraqueçaba.

Quais os artesanatos que podem ser comprados: *vixo ra'anga*, balaios e miçangas. Você pode descobrir alguns outros se for lá ou ligar para perguntar.

Contato: Se tiver interesse em conhecer a aldeia, agende uma visita. Pode falar com o cacique Felipe da Silva no telefone (41) 984-061-524.

Tekoa Pindoty (TI Ilha da Cotinga, Paranaguá, PR)

Quais os artesanatos que podem ser comprados: Miçangas, cestaria, cachimbo, bichinhos (*vixo ra'anga*) e outros.

Para agendar uma visita à comunidade é necessário, de antemão, ligar no escritório da FUNAI e checar a disponibilidade: (41) 3425-2004.

Tekoa Guaviraty (TI Sambaqui, Pontal do Paraná, PR)

Como chegar: Para chegar a Guaviraty, é necessário ir até o balneário Shangri-lá, em Pontal do Paraná, pela PR 412. Na altura de um comércio chamado Terra Teto Materiais de Construção, deve-se pegar uma estrada de terra à direita. Na rua seguinte, deve-se virar à esquerda e continuar reto. Ao final, na frente de uma fazenda, a única opção será virar à esquerda. Depois de cerca de dois quilômetros, deve-se virar à direita e já se estará próximo à aldeia.

Quais os artesanatos que podem ser comprados: bichinhos (*vixo ra'anga*), cestaria, miçangas, paus-d'água, zarabatanas em miniatura, arcos e flechas, adornos de sementes.

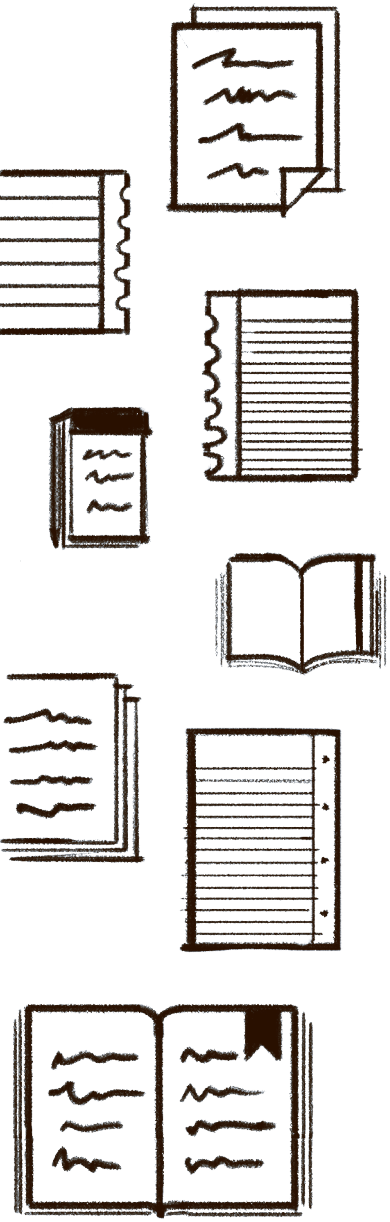
Contato: Se tiver interesse em conhecer a aldeia, agende uma visita. Pode falar com o Paulo Acosta no telefone (41) 992-849-341.

Tekoa Karaguata Poty (TI Sambaqui, Pontal do Paraná, PR)

Como chegar: Indo pela PR 407 em direção a Pontal do Paraná, é necessário virar à direita à altura da ponte sobre o rio Guaraguaçu e continuar pela estrada de terra por 7 quilômetros.

Quais os artesanatos que podem ser comprados: miçangas, cestaria, cachimbos, bichinhos (*vixo ra'anga*), adornos de sementes e outros.

Contato: Se tiver interesse em conhecer a aldeia, agende uma visita. Pode falar com o Irineu no telefone (41) 995-885-337 ou com Florinda no (41) 995-398-976.



Resultados esperados

Espera-se que os alunos interajam com as histórias e de forma lúdica conheçam um pouco mais sobre algumas das mais importantes práticas culturais do país e do litoral do estado do Paraná. É importante conhecer essas práticas para poder compreendê-las melhor e valorizá-las como parte da identidade, do modo de vida de um grupo de pessoas.

Quando o aluno não as conhece é possível que tenha inicialmente uma posição de estranhamento em relação a essas práticas e não queira participar das atividades por julgá-las inadequadas, por algum valor que compartilha com sua própria comunidade. É importante não forçar o aluno a participar diretamente das atividades. Entretanto, ainda que não participe das brincadeiras, é importante que o aluno compreenda que cada grupo, cada comunidade, cria seu modo de vida, suas festividades, sua forma de ver o mundo. Também é relevante para sua formação que compreenda que não há um único modo correto de organização social em detrimento dos demais. Há modos diferentes e que devem ser respeitados como parte

da organização e da história de cada povo. Assim como ele pode estranhar algumas práticas, outros alunos, em outros locais, podem estranhar coisas que para ele são normais, cotidianas. Tente conversar com os alunos sobre isso e refletir com eles:

> *"Quais atividades que, para nós, são comuns e que podem não ser para outras pessoas, ou que sabemos que elas fazem de modo diferente?"*

É importante dizer que essa riqueza de diferentes modos de organização da vida social permitiu que o homem ocupasse todos os ambientes do planeta, interagindo com a natureza e produzindo suas próprias culturas.

Para realizar essa problematização, reunimos alguns questionamentos que poderão guiar a análise e a discussão dos materiais:

As comunidades indígenas são todas localizadas em ambientes rurais?

Perto de sua localidade há alguma comunidade indígena?

Qual é a mais próxima? O que ela faz para subsistir?

Onde está a maior concentração populacional?

Elabore hipóteses sobre o motivo pelo qual há territórios nos quais há mais comunidades próximas. Para constatar ou refutar as hipóteses, consulte as fontes propostas a seguir.

Materiais de consulta

Para guiar a pesquisa, oferecemos um conjunto de *sites* nos quais podem ser encontrados dados detalhados das comunidades do Brasil e do Paraná. Esses dados servirão para complementar o trabalho em sala de aula.

Referências

Indicações para os professores

SITES

EQUIPE MAPA GUARANI CONTINENTAL (EMGC). Caderno Mapa Guarani Continental: povos Guarani na Argentina, Bolívia, Brasil e Paraguai. Campo Grande, MS: Cimi, 2016. Disponível em: https://www.socioambiental.org/pt-br/mapas/mapa-guarani-continental-2016. Acesso em: 4 out. 2019.

GUARANI ROGUATA. Pueblos guaraní en el Brasil y en el Paraguay. Disponível em: www.guarani.roguata.com. Acesso em: 4 out. 2019.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. [Verbete] Guarani. Enciclopédia dos Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guarani. Acesso em: 4 out. 2019.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. [Verbete] Guarani Mbya. Enciclopédia dos Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guarani_Mbya. Acesso em: 4 out. 2019.

MAPA guarani continental. 2016. Caderno do Mapa Guarani continental. Povos Guarani na Argentina, Bolívia, Brasil e Paraguay. Disponível em: http://campanha-guarani.org/guaranicontinental/caderno/ . Acesso em: 21/11/2019

LIVROS

BONAMIGO, Z. *A economia dos Mbya-Guaranis*: trocas entre homes e entre deuses e homens na ilha da Cotinga, em Paranaguá - PR. Curitiba: Imprensa Oficial, 2009.

JEKUPE, O. *O presente de Jaxy Jaterê*. São Paulo: Panda Books, 2017.

_____. *A mulher que virou urutau*. São Paulo: Panda Books, 2011.

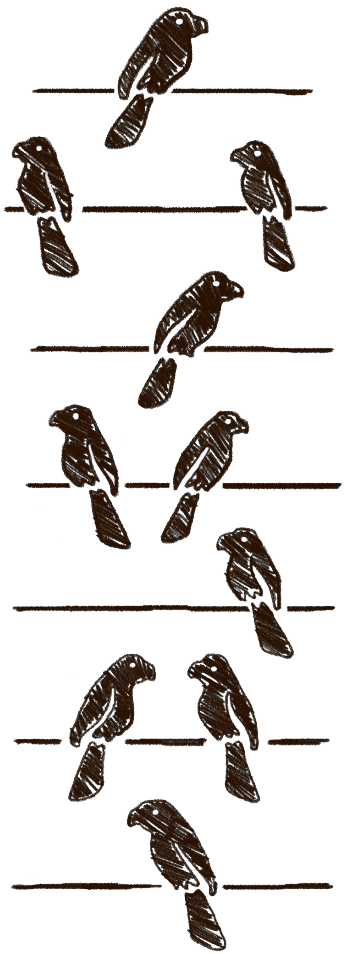
LADEIRA, M. I. *O caminhar sob a luz*: território mbya à beira do oceano. São Paulo: UNESP, 2007.

PISSOLATO, E. *Tape Porã, impressões e movimento*: Os Guarani Mbya no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Museu do Índio – FUNAI, 2012. Disponível em: https://issuu.com/priscillamoura/docs/catalogo_mi_10_dez-final-002__em_ba. Acesso em: 4 out. 2019.

VÍDEOS

AS BICICLETAS de Nhanderu. Direção: Patrícia Ferreira (Keretxu) e Ariel Duarte Ortega. Rio Grande do Sul: Vídeo nas aldeias, 2011. 1 vídeo (48 min.), son., color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=e-dKtJmY65wM. Acesso em: 4 out. 2019

MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA DA UFPR. Exposição "Nhande Mbya Reko: Nosso Jeito de Ser Guarani", 2018. 1 vídeo (1 min.). Disponível em: https://www.youtube. com/watch?v=bOHk6Yv5ZMo. Acesso em: 4 out. 2019.



Equipe realizadora da exposição

Elza Ara Poty Fernandes (Tekoa Kuaray Haxa)

Felipe Kuaray Poty da Silva (Tekoa Kuaray Guata Porã)

Fernanda Fadel Stefaniak (Bolsista Mutirão +Cultura)

Flávio Karai Papa Timóteo (Tekoa Pindoty)

Florinda Pará-i Timótheo (Tekoa Karaguata Poty)

Hector Junior Wera Popygua Ribeiro (Tekoa Kuaray Guata Porã)

Irineu Karai Rodrigues (Tekoa Karaguata Poty)

Juliana Kerexu Mirim Mariano (Tekoa Pindoty)

Laura Pérez Gil (Equipe MAE)

Paulo Karai Tataendy Yapua Oliveira Acosta (Tekoa Guaviraty)

Ricardo Wera Mirim Mariano (Tekoa Pindoty)

Rivelino Gabriel Vera Potygua de Castro (Tekoa Kuaray Haxa)

Rodrigo Graça (Bolsista Mutirão +Cultura)

Sueli Kunha Takuapu Martine de Oliveira (Tekoa Guaviraty)

Túlio Karai Popygua Fernandes (Tekoa Kuaray Guata Porã)

Valderico Jejoko Mirim da Silva (Tekoa Kuaray Guata Porã)

EXPOGRAFIA
Ana Luisa de Mello Nascimento (Equipe MAE)

FOTOGRAFIA E FILMAGENS
Douglas Fróis (Equipe MAE)

EDIÇÃO DE VÍDEOS
Isabela Souza Michelin (Bolsista Mutirão +Cultura)

COORDENAÇÃO DA EQUIPE DE DESIGN
Fábio L. G. Marcolino (Equipe MAE)

DESIGN GRÁFICO
Amanda N. S. Falcon Wiederkehr (Bolsista Mutirão +Cultura)
Mateus Marcos Bonn (Bolsista do MAE)
Nicolas Gabriel Carvalho de Almeida (Bolsista do MAE)

Ilustração
Daniella Valendorff e Pedro Ramos

O projeto gráfico do Mutirão +Cultura foi criado a partir de um conceito: os rabiscos. As ilustrações de todos os fascículos remetem aos desenhos feitos nas bordas de livros e cadernos por todos que um dia já foram alunos. Para complementar e criar maior coesão no conjunto, cada caderno possui uma cor (ou uma paleta de cores) que remete ao tema tratado no fascículo.

Título
Mutirão +Cultura
Blocos e Escolas em Antonina: Bloco Boi Barroso e o Resgate de Histórias e Práticas Culturais

Projeto Gráfico
Victor Uchoa

Revisão de Texto
Fernanda Cristina Lopes
Pamela Cristine de Oliveira

Revisão de Texto
Daniele Soares Carneiro
Luana Zacharias Karam

Nº Páginas 48

ISBN 978-85-8480-214-2

Tipografia & Papel
Prater Sans Pro [título] e Ratio [texto]
Papel offset 120g/m² [miolo] e 180g/m² [capa]
Impresso na Imprensa da UFPR

Tiragem 100

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. SISTEMA DE BIBLIOTECAS.
BIBLIOTECA CENTRAL – COORDENAÇÃO DE PROCESSOS TÉCNICOS**

B651 **Blocos e escolas em Antonina : bloco Boi Barroso e o resgate de histórias e práticas culturais / organizadoras : Deise Cristina de Lima Picanço, Fernanda Cristina Lopes, Pamela Cristine de Oliveira. – [Curitiba] : Ed. UFPR, 2019.**

49 p. : il., color. ; 22 cm.

Acima do título: Projeto Mutirão + Cultura.

Inclui referências: p. 47.

ISBN 978-85-8480-214-2

**1. Folclore - Paraná 2. Bumba-meu-boi - Antonina (PR). 3. Danças folclóricas brasileiras - Paraná. I. Picanço, Deise Cristina de Lima, 1969- .
II. Lopes, Fernanda Cristina, 1993- . III. Oliveira, Pamela Cristine de, 1994- .
IV. Universidade Federal do Paraná. Museu de Arqueologia e Etnologia.
V. Universidade Federal do Paraná. Projeto Mutirão Mais Cultura. VI. Título.**

CDD: 394.598162

CDU: 793.3(816.2)

Bibliotecário: Arthur Leitis Junior - CRB 9/1548

DIREITOS DESTA EDIÇÃO RESERVADOS À EDITORA UFPR

**Rua João Negrão, 280, 2º andar – Centro
Tel.: (41) 3360-7489
80010-200 – Curitiba – Paraná – Brasil
www.editora.ufpr.br
editora@ufpr.br
2019**

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Realização

UFPR
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

PROEC
Pró-reitoria de Extensão e Cultura

mae museu de arqueologia e etnologia UFPR

mutirão cultura

Apoio

MINISTÉRIO DA CIDADANIA

PÁTRIA AMADA BRASIL
GOVERNO FEDERAL